



A Santa Sé

SANTA MISSA E CANONIZAÇÃO DOS BEATOS JOÃO XXIII E JOÃO PAULO II

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Praça de São Pedro

II Domingo de Páscoa (ou da Divina Misericórdia), 27 de Abril de 2014

Vídeo

Galeria fotográfica

No centro deste domingo, que encerra a Oitava de Páscoa e que São João Paulo II quis dedicar à Misericórdia Divina, encontramos *as chagas gloriosas de Jesus ressuscitado*.

Já as mostrara quando apareceu pela primeira vez aos Apóstolos, ao anoitecer do dia depois do sábado, o dia da Ressurreição. Mas, naquela noite – como ouvimos –, *Tomé* não estava; e quando os outros lhe disseram que tinham visto o Senhor, respondeu que, se não visse e tocasse aquelas feridas, não acreditaria. Oito dias depois, Jesus apareceu de novo no meio dos discípulos, no Cenáculo, encontrando-se presente também *Tomé*; dirigindo-Se a ele, convidou-o a tocar as suas chagas. E então aquele homem sincero, aquele homem habituado a verificar tudo pessoalmente, ajoelhou-se diante de Jesus e disse: «Meu Senhor e meu Deus!» (*Jo* 20, 28).

Se as chagas de Jesus podem ser de *escândalo para a fé*, são também a *verificação da fé*. Por isso, no corpo de Cristo ressuscitado, as chagas não desaparecem, continuam, porque aquelas chagas são o sinal permanente do amor de Deus por nós, sendo *indispensáveis para crer em Deus*: não para crer que Deus existe, mas sim *que Deus é amor, misericórdia, fidelidade*. Citando Isaías, São Pedro escreve aos cristãos: «pelas suas chagas, fostes curados» (*1 Ped* 2, 24; cf. *Is* 53, 5).

São João XXIII e São João Paulo II tiveram a coragem de contemplar as feridas de Jesus, tocar as suas mãos chagadas e o seu lado trespassado. Não tiveram vergonha da carne de Cristo, não

se scandalizaram d'Ele, da sua cruz; não tiveram vergonha da carne do irmão (cf. *Is 58, 7*), porque em cada pessoa atribulada viam Jesus. Foram dois homens corajosos, cheios da *parresia* do Espírito Santo, e deram testemunho da bondade de Deus, da sua misericórdia, à Igreja e ao mundo.

Foram sacerdotes, bispos e papas do século XX. Conheceram as suas tragédias, mas não foram vencidos por elas. Mais forte, neles, era Deus; mais forte era a fé em Jesus Cristo, Redentor do homem e Senhor da história; mais forte, neles, era a misericórdia de Deus que se manifesta nestas cinco chagas; mais forte era a proximidade materna de Maria.

Nestes dois homens contemplativos das chagas de Cristo e testemunhas da sua misericórdia, habitava «*uma esperança viva*», juntamente com «*uma alegria indescritível e irradiante*» (1 *Ped 1, 3.8*). A esperança e a alegria que Cristo ressuscitado dá aos seus discípulos, e de que nada e ninguém os pode privar. A *esperança e a alegria pascais*, passadas pelo crisol do despojamento, do aniquilamento, da proximidade aos pecadores levada até ao extremo, até à náusea pela amargura daquele cálice. Estas são a esperança e a alegria que os dois santos Papas receberam como dom do Senhor ressuscitado, tendo-as, por sua vez, doado em abundância ao Povo de Deus, recebendo sua eterna gratidão.

Esta esperança e esta alegria respiravam-se na *primeira comunidade dos crentes*, em Jerusalém, de que falam os Actos dos Apóstolos (cf. 2, 42-47), que ouvimos na segunda Leitura. É uma comunidade onde se viveo *essencial do Evangelho*, isto é, o amor, a misericórdia, com simplicidade e fraternidade.

E esta é a imagem de Igreja que o Concílio Vaticano II teve diante de si. João XXIII e João Paulo II colaboraram com o Espírito Santo para *restabelecer e actualizar a Igreja segundo a sua fisionomia originária*, a fisionomia que lhe deram os santos ao longo dos séculos. Não esqueçamos que são precisamente os santos que levam avante e fazem crescer a Igreja. Na convocação do Concílio, São João XXIII demonstrou uma delicada *docilidade ao Espírito Santo*, deixou-se conduzir e foi para a Igreja um pastor, um guia-guiado, guiado pelo Espírito. Este foi o seu grande serviço à Igreja; por isso gosto de pensar nele como *o Papa da docilidade ao Espírito Santo*.

Neste serviço ao Povo de Deus, São João Paulo II foi *o Papa da família*. Ele mesmo disse uma vez que assim gostaria de ser lembrado: como o Papa da família. Apraz-me sublinhá-lo no momento em que estamos a viver *um caminho sinodal sobre a família e com as famílias*, um caminho que ele seguramente acompanha e sustenta do Céu.

Que estes dois novos santos Pastores do Povo de Deus intercedam pela Igreja para que, durante estes dois anos de caminho sinodal, seja dócil ao Espírito Santo no serviço pastoral à família. Que ambos nos ensinem a não nos scandalizarmos das chagas de Cristo, a penetrarmos no mistério

da misericórdia divina que sempre espera, sempre perdoa, porque sempre ama.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana